

Cultura

Artes plásticas

Luís Cruz e José Esteves: novos valores da escultura portuguesa

CRISTINA DE AZEVEDO

A abertura de mais duas exposições de escultura neste campo expressivo, situação que já temos vindo a acentuar por diversas vezes.

Desta vez podemos visitar duas exposições de escultura, individuais em Lisboa. Tratam-se dos trabalhos de Luís Cruz na Galeria Novo Século, e das esculturas de José Esteves na sala do 1.º andar da Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Luís Cruz realiza neste momento a sua primeira exposição individual de escultura, uma vez que desde 1985 tem participado sobretudo em vários certames e exposições colectivas de gravura.

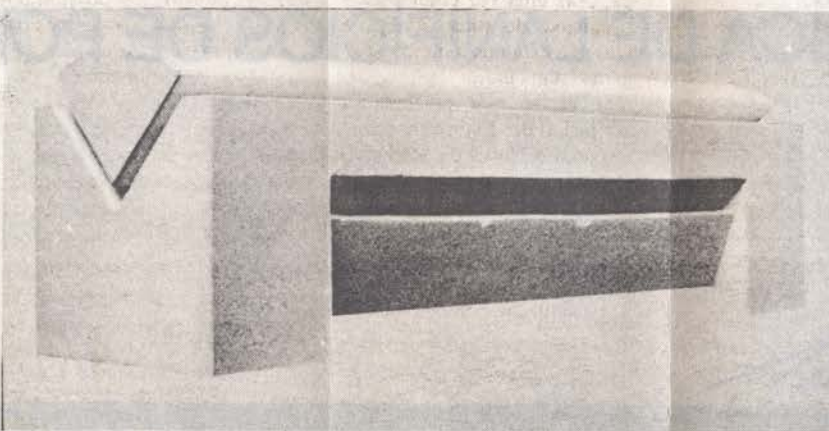
Já em 86 Luís Cruz realizou uma pequena exposição de escultura no Atelier 15, tendo nessa altura exposto peças de pequenas dimensões e alguma escultura em baixo-relevo, muito ligada ainda ao desenho incisivo das chapas de gravura.

A exposição que agora apresenta a Novo Século é sem dúvida um novo passo na afir-

mação de Luís Cruz como escultor. A escultura assume um carácter autónomo (a ligação com a gravura começa a diluir-se) em que as peças funcionam num conjunto homogéneo, enquanto elementos portadores de um significado que se completa pela cenografia que a disposição das peças permite versatilizar.

Continuando a trabalhar em ardósia, Luís Cruz agora sob o signo de «Fogo e Chamas», vem deste modo mostrar-nos o desenvolvimento da linguagem plástica da escultura. Este conjunto de peças revela portanto, uma certa maturação na linguagem de uma escultura que se quer actual, mas não propriamente vinculada a modas.

Caracteriza, portanto, esta exposição, a valorização de um espaço cenográfico mas também de circulação. As peças referem-nos colunas, templos, ruínas mas também montanhas e relevos vários. Absorvem e irradiam luz, que o avançar do dia permite variar, enriquecem-se com o contraste produzido pela polidura da ardósia, ou pela rugosidade dos veios da pedra. São peças de um negro puro, criadas para serem vividas,



Um trabalho de José Esteves

construídas na ilusão de um espaço mitificado mas também de sugestão megalítica.

Tendo apresentado a sua primeira individual neste ano, e tendo participado desde 1982 em várias colectivas de escultura, José Esteves que trabalhou com João Cutileiro entre 1982 e 1986, apresenta-nos agora, um conjunto de peças extremamente coerente e equilibrado.

As peças funcionam numa escala entre meio metro e dois metros. Jogam com o preenchimento volumétrico do espaço (o cheio da escultura) e o recorte



Ardósia de Valongo, de Luís Cruz

das figuras (o vazio). Cria-se uma dinâmica do espaço físico e ao mesmo tempo recorre-se também à fragmentação das peças.

Do ponto de vista da significação, as esculturas remetem-nos ao imaginário que povoava a Antiguidade Clássica assim como o do bestiário medieval.

As figuras de animais surgem em altos-relevos em peças que se encaixam, um pouco à maneira de nichos. É a cor do granito que unifica a teatralidade desta escultura, que vive também da construção de um tempo de memórias, experiên-

cias e mistérios vários, onde os deuses, guerreiros e animais coabitam.

Poderemos terminar afirmando que ambas as exposições preconizam atitudes diferentes mas sem dúvida numa aposta na

modernidade, Luís Cruz desenvolvendo uma escultura de carácter mais próxima de valores paisagísticos, enquanto que José Esteves recorre a um vocabulário de carácter arquitectónico e classicista.